

Anne Perry

O Estrangulador de Cater Street

Tradução de
Mário Dias Correia

ASA

CAPÍTULO I

De pé no meio da sala de visitas, Charlotte Ellison lia o jornal. Tirara-o de cima da pequena mesa, junto à poltrona, onde o pai, invulgarmente descuidado, o deixara ficar. Mr. Ellison não aprovava tais leituras para a filha. Preferia falar-lhe de coisas interessantes que ele próprio considerasse útil e conveniente uma jovem saber. O que excluía quaisquer escândalos, pessoais ou políticos, quaisquer crimes, fossem de que género fossem: na realidade, praticamente tudo o que tivesse uma ponta de interesse.

O que significava que, sendo Charlotte obrigada a obter os seus jornais na copa, onde o mordomo, Maddock, os guardava para ler antes de os deitar fora, estava sempre pelo menos um dia atrasada em relação ao resto de Londres.

Aquele era, no entanto, o jornal do dia, 20 de abril de 1881, e a grande notícia era o falecimento, na véspera, de Mr. Disraeli. A primeira coisa que lhe ocorreu foi perguntar a si mesma como se sentiria Mr. Gladstone. Teria alguma sensação de perda? Seria um grande inimigo tão integralmente parte da vida de um homem como um grande amigo? De certeza que sim. Devia ser essa a urdidura que suportava a trama das emoções.

Ouviu passos no corredor e pôs rapidamente o jornal. Não esquecera a fúria do pai quando a apanhara a ler um vespertino, três anos antes. Claro que, nessa altura, se tratava do processo de difamação entre Mr. Whistler e Mr. Ruskin,

o que era um pouco diferente. Mas mesmo no ano anterior, quando ela expressara interesse nas notícias a respeito da guerra dos Zulus, relatada na primeira pessoa por aqueles que tinham verdadeiramente estado em África, ele encarara o tema com igual desfavor. Recusara até ler-lhes partes escolhidas que considerasse adequadas. No fim, fora Dominic, o marido da irmã, quem a regalara com tudo aquilo de que conseguira lembrar-se – mas sempre pelo menos com um dia de atraso.

Ao pensar em Dominic, Mr. Disraeli e toda aquela questão dos jornais desvaneceram-se. A partir do momento em que Dominic aparecera, fazia agora seis anos, quando Sarah tinha apenas vinte, ela própria dezassete e Emily treze, ficara fascinada. Evidentemente, era Sarah quem ele procurava; a presença de Charlotte na sala de estar, ao lado da mãe, só era consentida para que tais ocasiões pudessem decorrer com todo o decoro adequado à visita de um pretendente. Dominic mal a via, mal lhe dirigia a palavra, os olhos presos num ponto algures atrás do ombro esquerdo dela, a contemplarem os cabelos louros de Sarah, o delicado rosto de Sarah. Charlotte, com o seu cabelo pesado, cor de mogno, que era tão difícil de manter arranjado, o seu rosto mais forte, não passava de um incómodo que tinha de ser suportado com bons modos.

Um ano mais tarde, claro, Dominic e Sarah tinham casado, e ele deixara de ter exatamente o mesmo mistério. Já não evoluía no mundo mágico do romance de outra pessoa. Mas mesmo após cinco anos de conhecimento recíproco, de convivência sob o mesmo espaçoso e bem ordenado teto, ele ainda tinha para ela o encanto original, o fascínio dos primeiros tempos.

Os passos no corredor tinham sido dele. Soube-o instintivamente. Estava ali, fazia parte da vida dela: ouvi-lo, vê-lo imediatamente no meio de uma multidão, saber quando ele

estava na sala, recordar tudo o que ele dizia, mesmo as coisas mais triviais.

Aprendera a viver com aquilo. Dominic sempre estivera fora do seu alcance. Não que ele se interessasse sequer por ela, ou pudesse ter-se interessado. Nem ela o esperara. Um dia, talvez, encontraria alguém de quem pudesse gostar, e respeitar, alguém adequado, e então a mãe falaria com ele, verificaria se era social e pessoalmente aceitável; e, claro, o pai ocupar-se-ia dos outros aspetos, fossem eles quais fossem, como fizera no caso de Dominic e de Sarah, e sem dúvida faria no caso de Emily e de alguém, a seu tempo. Não queria pensar nisso, era algo permanentemente relegado para o futuro. O presente era Dominic, aquela casa, os pais, Emily e Sarah, e a avó: o presente era o facto de a tia Susannah vir para o chá dentro de duas horas e o facto de os passos no corredor se terem afastado, deixando-a livre para deitar outra espreitadela ao jornal.

A mãe entrou instantes mais tarde, tão silenciosa que Charlotte não a ouviu.

– Charlotte.

Demasiado tarde para dissimular o que estava a fazer. Baixou o jornal e enfrentou os olhos castanhos da mãe.

– Sim, mamã. – Era uma confissão.

– Sabes o que o teu pai pensa a respeito de leres essas coisas. – Lançou um rápido olhar ao jornal dobrado nas mãos da filha. – Não consigo perceber porque hás de tu querer fazê-lo. Muito pouco do que aí vem é agradável, e essas partes o teu pai lê-as para nós. Mas se achas que tens de lê-las tu mesma, ao menos fá-lo discretamente, na copa do Maddock, ou pede ao Dominic que tas conte.

Charlotte sentiu o sangue subir-lhe às faces. Desviou o olhar. Não fazia ideia de que a mãe sabia a respeito da copa, e muito menos a respeito de Dominic! Ter-lhe-ia ele dito? Porque haveria a ideia de lhe ser dolorosa, como uma traição?

Era ridículo. Não podia ter segredos com Dominic. Que se permitira ela imaginar?

– Sim, claro, mamã. Peço desculpa. – Pousou o jornal em cima da mesa. – Não deixarei que o papá me apanhe.

– Se queres ler, porque não lês livros? Há qualquer coisa de Mr. Dickens ali naquela prateleira, e estou certa de que ainda não leste *Coningsby*, de Mr. Disraeli?

Curiosa a maneira como as pessoas dizem sempre «estou certo» quando querem dizer que não têm a certeza.

– Mr. Disraeli morreu ontem – respondeu Charlotte. – Não me sentiria bem. Não é o melhor momento.

– Mr. Disraeli? Oh, lamento muito. Nunca gostei de Mr. Gladstone, mas não digas ao teu pai. Faz-me sempre lembrar o vigário.

Charlotte sentiu um risinho subir-lhe à garganta.

– Não gosta do vigário, mamã?

A mãe recompôs-se instantaneamente.

– Sim, claro que gosto. Agora, se fazes favor, vai preparar-te para o chá. Esqueceste que a tia Susannah vem visitar-nos esta tarde?

– Mas ainda falta hora e meia, no mínimo – protestou Charlotte.

– Então vai bordar, ou trabalha um pouco mais naquele quadro que estavas a pintar ontem.

– Não me saiu bom...

– Gramática, Charlotte. Não me saiu *bem*. Lamento. Talvez o melhor seja acabares os cachecóis para poderes levá-los amanhã à mulher do vigário. Prometi-lhe que os entregariamos.

– Mamã, acredita que eles confortam verdadeiramente os pobres? – Era uma pergunta sincera.

– Não faço ideia. – O rosto da mãe relaxou um pouco quando a ideia lhe ocorreu, obviamente pela primeira vez.

– Julgo que nunca conheci ninguém realmente pobre. Mas

o vigário garante que sim, e devemos partir do princípio de que ele sabe.

– Mesmo que não gostemos muito dele.

– Charlotte, por favor, não sejas impertinente. – Mas não havia dureza na voz dela. Fora apanhada numa verdade involuntária e aceitava filosoficamente o facto. Talvez estivesse aborrecida consigo mesma, mas não com a Charlotte.

Obedientemente, Charlotte saiu para se dirigir ao andar superior. Mais valia acabar os cachecóis; alguma vez teria de ser feito.

O chá foi servido por Dora, a criada da cozinha, na sala de visitas. Era o mais imprevisível dos acontecimentos do dia. Sempre às quatro da tarde, e sempre (quando estavam em casa) naquela sala, com as suas mobílias verde-pálidas e as grandes janelas que davam para o relvado, agora fechadas, apesar de o claro sol da primavera iluminar obliquamente a relva e os últimos narcisos. Era um jardim pequeno, apenas uns metros de relva, um canteiro de flores e uma faixa solitária e delicada junto ao muro, pelo qual trepavam as roseiras de que Charlotte mais gostava. Durante todo o verão, de junho a novembro, aquelas roseiras iluminavam o jardim, velhas roseiras que alastravam indisciplinadas, formando moitas e frondes pendentes, espalhando tapetes de pétalas.

Era a companhia que era imprevisível. Ou iam visitar alguém, sentando-se em cadeiras desconhecidas numa sala alheia e fazendo conversa de circunstância, ou uma delas recebia visitas ali em casa. Sarah tinha amigas recém-casadas cujas conversas Charlotte achava indescritivelmente aborrecidas. As amigas de Emily pouco melhor eram: só especulações românticas, moda, quem andava, ou estava para andar, a cortejar quem. As amigas da mãe eram cerimoniosas, um pouco exageradamente formais e afectadamente virtuosas,

mas havia pelo menos uma ou duas dadas a reminiscências que Charlotte gostava de ouvir – recordações de antigos admiradores, há muito mortos na Guerra da Crimeia, em Sebastopol, Balaclava e na Carga da Brigada Ligeira, e também recordações dos poucos que voltaram. E depois havia histórias, contadas com um misto de admiração e reprovação, a respeito de Florence Nightingale, «tão pouco feminina, mas temos de reconhecer-lhe a coragem, minha querida! Não uma senhora, mas uma mulher inglesa de que podemos razoavelmente orgulhar-nos!»

E as amigas da avó eram ainda mais interessantes. Não que Charlotte gostasse delas, pelo menos da maior parte; eram umas velhas senhoras particularmente desagradáveis. Mas Mrs. Shelby tinha mais de oitenta anos, e lembrava-se das notícias de Trafalgar, e da morte de Lord Nelson, das faixas pretas nas ruas, das pessoas a chorar, das tarjetas negras nos jornais; pelo menos afirmava lembrar-se. Falava com frequência de Waterloo, e do Grande Duque, dos escândalos da imperatriz Josefina, do regresso de Napoleão de Elba e dos Cem Dias. Muito daquilo ouvira-o ela própria em salas de visitas semelhantes àquela, talvez um pouco mais austeras, com um pouco menos de mobiliário, mais leves, neoclássicas; era, apesar disso, fascinante para Charlotte, uma realidade mais nítida do que presente.

Estavam, porém, em 1881, a um mundo de distância dessas coisas, com Mr. Disraeli morto, candeeiros a gás nas ruas e mulheres admitidas na Universidade de Londres! A rainha era imperatriz da Índia e o próprio império estendia-se a todos os cantos da Terra. Wolfe e a Batalha das Planícies de Abraão, Clive e Hastings na Índia, Livingstone em África, e a guerra dos Zulus, tudo isso pertencia agora ao passado. O príncipe-consorte morrera de tifo havia já vinte anos: Gilbert O'Sullivan escrevia óperas como *H.M.S. Pinafore*. Que teria o imperador Bonaparte pensado de tudo aquilo?

Naquela tarde, receberiam Mrs. Winchester, que ia ver a mamã – o que era uma maçada –, e a tia Susannah, que ia vê-los a todos, o que era excelente. A tia Susannah era a irmã mais nova do papá; na realidade, tinha apenas trinta e seis anos, menos dezanove do que o irmão e apenas mais dez do que Sarah; parecia mais uma prima do que uma tia. Havia três meses que a não viam, três longos meses. Estivera no Yorkshire, de visita.

– Tem de contar-me tudo, minha querida. – Mrs. Winchester inclinou-se muito ligeiramente para a frente, com a curiosidade a arder-lhe no rosto. – Quem exatamente são os Willis? Estou certa de que me disse – sublime certeza de que toda a gente lhe dizia tudo! –, mas nestes últimos tempos a minha memória não tem andado nem de longe tão boa quanto eu gostaria. – Aguardou, expectante, com as sobrançelas arqueadas. Susannah era, para ela, objeto de um interesse permanente: as suas idas e vindas, e sobretudo a mais pequena sugestão de um romance, ou, melhor ainda, de um escândalo. Reunia todos os elementos necessários. Casara, aos vinte e um anos, com um cavalheiro de boa família que no ano seguinte, em 1866, morrerá durante os Distúrbios de Hyde Park, deixando-a confortavelmente instalada, numa bela casa, ainda muito jovem e imensamente atraente. Não voltara a casar, ainda que sem dúvida não por falta de propostas. As opiniões variavam entre a conclusão de que continuava de luto pelo marido e, como a rainha, nunca conseguiria refazer-se do desgosto, e a conclusão inversa, de que o casamento fora tão tremendamente doloroso que não queria considerar sequer a possibilidade de uma segunda tentativa.

Charlotte acreditava que a verdade se encontrava algures entre estes dois extremos, que tendo satisfeito as exigências da família em particular e da sociedade em geral casando uma vez, não se sentia agora inclinada a assumir

novo compromisso a menos que fosse por um genuíno afeto – o que, aparentemente, não tinha ainda acontecido.

– Mrs. Willis é minha prima, do lado da minha mãe – respondeu Susannah, com um ligeiro sorriso.

– Sim, pois claro. – Mrs. Winchester recostou-se na cadeira. – E em que se ocupa Mr. Willis? Gostaria imenso de saber.

– É pastor, numa pequena aldeia – informou Susannah obedientemente, embora os seus olhos encontrassem os de Charlotte por uma fração de segundo, com um brilho de silenciosa diversão.

– Oh! – Mrs. Winchester esforçou-se por esconder um certo desapontamento. – Que agradável. Suponho que teve ocasião de ser de grande ajuda na paróquia. Estou certa de que o conhecimento das suas atividades seria um grande encorajamento para o nosso querido vigário. E a pobre Mrs. Abernathy. Não duvido de que ajudaria imenso a distraí-la, ouvir falar do campo e dos pobres.

Charlotte perguntou a si mesma porque haveriam o campo e os pobres de confortar alguém, sobretudo Mrs. Abernathy.

– Oh, sim – apoiou a mãe. – Seria uma excelente ideia.

– Podias levar-lhe umas conservas – acrescentou a avó, assentindo com a cabeça. – É sempre agradável receber conservas. Mostra que as pessoas se lembram de nós. E as pessoas já não são tão atenciosas como quando eu era nova. E o descaramento que por aí vai! Mulheres a comportarem-se como homens, e a quererem todo o género de coisas que não são boas para elas. Só nos falta ver as galinhas a cantar como os galos!

– Pobre Mrs. Abernathy – concordou Mrs. Winchester, abanando a cabeça.

– Mrs. Abernathy está doente? – inquiriu Susannah.

– Claro! – respondeu a avó, secamente. – De que estavas tu à espera? É o que estou sempre a dizer à Charlotte.

– Lançou à neta um olhar penetrante. – Tu e a Charlotte são iguais, sabias? – Era uma acusação dirigida a Susannah. – Sempre culpei a Caroline pela Charlotte. – Calou os protestos da nora com um pequeno gesto da mão sapuda. – Mas acho que dificilmente poderia culpá-la por ti. Deve ser culpa dos tempos. O teu pai nunca foi suficientemente rígido contigo, mas pelo menos não lê esses horrorosos jornais que entram nesta casa. Tive-te já muito tarde. Nunca dá bom resultado.

– Não creio que a Charlotte leia tanto os jornais como receia, mamã – defendeu Susannah.

– Quantas vezes é preciso ler uma coisa antes que o mal fique feito? – perguntou a avó.

– São todos diferentes, mamã.

– Como é que sabes? – saltou a avó, rápida como um *terrier*. Susannah manteve a compostura, apenas com um levisimo rubor a colorir-lhe as faces.

– Imprimem as notícias, mamã; as notícias devem ser diferentes de dia para dia.

– Disparate! Imprimem crimes e escândalos. O pecado não mudou desde que o Senhor o consentiu no Jardim do Éden.

Esta sentença pareceu encerrar a conversa. Seguiram-se vários minutos de silêncio.

– Diga-nos, tia Susannah – pediu Sarah, finalmente –, o campo no Yorkshire é muito bonito? Nunca lá estive. Talvez os Willis permitam que eu e o Dominic... – disse, deixando a sugestão delicadamente suspensa.

Susannah sorriu.

– Estou certa de que ficariam encantados. Mas custa-me imaginar o Dominic a apreciar uma vida tão rural. Sempre me pareceu um homem de... gostos mais cultivados do que visitar os pobres e ir a chás.

– Faz com que pareça tão terrivelmente aborrecido – comentou Charlotte, sem pensar, o que lhe valeu um olhar geral de surpresa e reprovação.

– Precisamente aquilo de que Mrs. Abernathy necessita, não duvido – afirmou Mrs. Winchester, com um sábio acenar de cabeça. – Havia de fazer-lhe muitíssimo bem, pobre mulher.

– O Yorkshire pode ser invulgarmente frio em abril – disse Susannah num tom tranquilo, olhando alternadamente para as três mulheres mais velhas. – Se Mrs. Abernathy tem estado doente, não lhes parece que junho ou julho seriam melhores?

– O frio não tem nada a ver! – replicou secamente a avó.
– Fortificante. Muito saudável.

– Não quando se está doente...

– Estás a contradizer-me, Susannah?

– Estou a tentar fazer notar, mamã, que o Yorkshire no princípio da primavera não é o lugar ideal para alguém cuja saúde está debilitada. Longe de fortalecê-la, é bem capaz de arranjar-lhe uma pneumonia!

– Pelo menos, obrigava-a a pensar noutra coisa – declarou a avó, com inabalável firmeza.

– Pobre alma – acrescentou Mrs. Winchester. – Sair daqui, mesmo para o Yorkshire, só poderia seguramente representar uma melhoria, uma mudança de ares.

– Que tem ela? – perguntou Susannah, olhando para Mrs. Winchester e depois para Charlotte. – Sempre achei este lugar invulgarmente agradável. Temos todas as vantagens da cidade sem a opressão das suas áreas mais povoadas, ou a despesa dos bairros mais elegantes. As nossas ruas são limpas e estamos à distância de um passeio de carruagem de tudo o que é interessante ou divertido ver, para não falar dos nossos amigos.

Mrs. Winchester voltou-se para ela.

– É claro, esteve fora! – disse, num tom acusador.

– Apenas dois meses! Com toda a certeza não mudou tanto em tão pouco tempo? – A pergunta era irónica, senão mesmo um pouco sarcástica.

– Quanto tempo demora? – Mrs. Winchester estremeceu dramaticamente e fechou os olhos. – Oh! Pobre Mrs. Abernathy. Como consegue ela suportar a ideia? Não admira que a pobre alma tenha até medo de adormecer?

Susannah estava totalmente perdida. Olhou para Charlotte, em busca de auxílio.

Charlotte decidiu prestar-lhe e aguentar as consequências.

– Lembra-se da filha de Mrs. Abernathy, a Chloe? – Não esperou por uma resposta. – Foi assassinada há cerca de mês e meio, estrangulada, e arrancaram-lhe as roupas, e feriram-na no peito.

– Charlotte! – Caroline fuzilou a filha com o olhar. – Não vamos discutir esse assunto!

– Temos estado a discuti-lo de uma maneira ou de outra durante toda a tarde – protestou Charlotte, e pelo canto do olho viu Emily disfarçar um risinho. – Limitámo-nos a escondê-lo com palavras.

– Está melhor escondido.

Mrs. Winchester estremeceu novamente.

– Nem consigo pensar no que aconteceu, a simples recordação põe-me doente. Encontraram-na na rua, caída no passeio como um monte de roupa suja. A cara dela estava horrível, azul como... como... nem sei o quê! E tinha os olhos abertos, e a língua a sair-lhe da boca. Estava ali caída à chuva havia horas, quando a encontraram; toda a noite, imagino.

– Não se agite! – disse secamente a avó, olhando para o rosto excitado de Mrs. Winchester.

Mrs. Winchester lembrou-se rapidamente de parecer angustiada.

– Oh, horrível! – guinchou, contorcendo as feições. – Por favor, querida Mrs. Ellison, não voltemos a falar disto. Todo este assunto é absolutamente insuportável. Pobre Mrs. Abernathy. Nem sei como ela aguenta!

– Que mais pode ela fazer senão aguentar? – disse Charlotte, calmamente. – Aconteceu. Não há nada que se possa fazer agora.

– Suponho que nunca houve. – Susannah estava a olhar fixamente para o chá. – Um louco, um gatuno, ninguém podia prever. – Ergueu os olhos, de testa franzida. – Com certeza não estava sozinha na rua depois do escurecer?

– Minha querida Susannah – respondeu Caroline –, aqui é noite às quatro, a meio do inverno, sobretudo num dia de chuva. Como é que uma pessoa pode ter a certeza de estar em casa às quatro da tarde? Isso significaria que nem sequer poderíamos visitar os vizinhos para o chá!

– Era o que ela tinha estado a fazer?

– Tinha saído para levar umas roupas ao vigário, para os pobres. – O rosto de Caroline contraiu-se, numa súbita expressão de pena muito real. – Pobre criança, tinha só dezoito anos.

Sem aviso, o drama tornou-se real. Deixou de ser um escândalo com que brincar, um motivo de excitação, mas a morte verdadeira de uma mulher como elas: o som de passos, uma súbita dor na garganta, o terror, a luta por ar, os pulmões a rebentarem e a escuridão.

Ninguém falou.

Foi Dora, vinda do vestíbulo, que quebrou o silêncio.

Charlotte ainda se sentia deprimida quando o pai chegou a casa, um pouco depois das seis. O céu escurecera lá fora e deixava cair as primeiras gotas de chuva grossas no instante em que a carruagem se deteve. Edward Ellison trabalhava num banco, na City, o que lhe proporcionava um rendimento muito satisfatório e uma posição social de uma classe média pelo menos aceitável. Charlotte fora educada a pensar talvez num pouco mais.

Edward entrou, sacudindo as gotas de chuva do sobretudo nos poucos segundos antes de Maddock o desembaraçar

dele, e colocou cuidadosamente o chapéu na prateleira do bengaleiro.

– Boa noite, Charlotte – cumprimentou, jovialmente.

– Boa noite, papá.

– Espero que tenhas tido um dia produtivo – disse ele, esfregando as mãos. – Receio que o tempo esteja a piorar. É bem capaz de vir aí uma tempestade. O ar tem aquela sensação opressiva.

– Mrs. Winchester veio para o chá – disse Charlotte, respondendo à pergunta implícita a respeito da tarde. O pai sabia que ela não gostava de Mrs. Winchester.

– Estou a ver. – Mr. Ellison sorriu levemente. Havia alguma compreensão entre os dois, embora não transparecesse com tanta frequência como ela gostaria. – Pensei que estavam à espera da Susannah?

– Oh, ela também veio, mas Mrs. Winchester passou o tempo todo a interrogá-la a respeito dos Willis, ou a falar da Chloe Abernathy.

O rosto de Edward tornou-se sombrio e Charlotte apercebeu-se de que tinha inadvertidamente traído a mãe. O pai esperaria que a esposa controlasse tais conversas na sua própria sala de visitas. O facto de o não ter feito seria motivo de considerável desagrado.

Nesse instante, Sarah entrou no vestíbulo, vinda da sala, com a luz que brilhava por detrás dela a criar-lhe um halo à volta dos cabelos louros. Era uma mulher muito bela, mais parecida com a avó do que com a mãe, com a mesma pele de porcelana e boca bem desenhada, o mesmo queixo suave.

– Olá, Sarah, minha querida. – Edward deu-lhe uma palmadinha no ombro. – Estás à espera do Dominic?

– Pensei que fosse ele – respondeu Sarah, com uma ligeiríssima nota de desapontamento na voz. – Espero que chegue antes da tempestade. Pareceu-me ouvir trovões, há minutos.